

Masculinidade hegemônica e as possibilidades de desconstrução no contexto escolar: uma revisão de literatura

Ellie Cristina Silva Ribeiro¹
Consuelena Lopes Leitão²
Iolete Ribeiro da Silva³

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão integrativa que analisa o impacto da masculinidade hegemônica na relação professor/aluno no ambiente escolar. Os objetivos específicos são avaliar as possibilidades de desconstrução das masculinidades hegemônicas na dinâmica escolar e analisar estratégias e abordagens pedagógicas para a desconstrução da masculinidade hegemônica no contexto educacional. A revisão foi conduzida por meio da análise crítica de 20 artigos selecionados nas bases de dados SciELO, LILACS e na plataforma de periódicos da CAPES, provenientes de três buscas realizadas nos anos de 2021, 2022 e 2023. Os resultados evidenciam que as diversas formas de expressão das masculinidades são sujeitas a processos de exclusão e estigmatização no ambiente escolar, quando confrontadas com o modelo dominante e hegemônico. A disciplina escolar reproduz lógicas binárias de gênero, configurando-se como um espaço generificado, onde a não conformidade com as normas de gênero e sexualidade acarreta riscos de sofrimento e deixa marcas profundas nos sujeitos. O estudo enfatiza que os meninos enfrentam um processo doloroso de aceitação ao não corresponderem às expectativas da masculinidade hegemônica. Diante disso, ressalta-se a importância de desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a desconstrução da masculinidade hegemônica, visando estabelecer relações mais igualitárias e saudáveis entre professores e alunos. Essas estratégias podem contribuir para criar um ambiente educacional que acolha a diversidade de expressões de gênero e promova a autonomia e a liberdade dos indivíduos.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica; escola; relação professores/alunos.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). elliecsribeiro@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora permanente do PPGPSI/UFAM. consuelena@ufam.edu.br

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora titular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ioleteribeiro@ufam.edu.br

Introdução

A sociedade contemporânea passa por transformações profundas, especialmente no que diz respeito às concepções de gênero e suas repercussões nas diferentes esferas da vida. Na dinâmica escolar, essas transformações também se manifestam, influenciando as relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a masculinidade hegemônica emerge como um tema relevante a ser investigado, devido ao seu impacto na construção de identidades masculinas e nas interações sociais no ambiente escolar.

A masculinidade hegemônica, conceito elaborado por Connell (2013), refere-se a um padrão dominante de masculinidade que é socialmente construído e reforçado, restringindo as possibilidades de expressão e comportamento para os meninos e homens que não se encaixam nessa norma. Esse ideal de masculinidade é caracterizado por traços como a virilidade, agressividade e a busca por poder e controle, contribuindo para a perpetuação de desigualdades de gênero. A forma hegemônica de masculinidade, baseada na matriz da cis heteronormatividade, também restringe indivíduos que se identificam como do gênero masculino (BUTLER, 2016).

De acordo com Elisabeth Badinter, a década de 1970 marcou o surgimento dos primeiros estudos sobre masculinidade, um período empolgante de questionamento das normas e destaque das contradições. Na década de 1980, instaurou-se um clima de incerteza e angústia, à medida que a definição da identidade masculina e a própria natureza da virilidade passaram a ser questionadas. É dentro desse contexto, com suas inúmeras possibilidades e marcadores de gênero, raça e classe, que a masculinidade começou a ser considerada no plural (BADINTER, 1993).

As pesquisas têm apresentado importantes contribuições para essa temática, especialmente neste momento da história política em que as relações de gênero têm ganhado destaque nacional, principalmente no campo educacional. Esse debate tem sido

impulsionado por setores ultraconservadores que insistem em lutar contra direitos historicamente conquistados por grupos minoritários no Brasil (OLIVEIRA, 2023).

Xavier, Seffner e Barbora (2021) discutem a tensão entre a exigência da docência e a exigência de ser homem, destacando a importância de manter-se afastado de qualquer elemento de desconfiança. Queiroz Silva (2020) ressalta que, nas interações escolares, diferentes masculinidades coexistem, eles enfatizam a importância de considerar a interseccionalidade entre raça, gênero e classe ao discutir as masculinidades. Os estudos de Nunes e Afonso (2019), Santos (2021) e Jaeger e Jacques (2017) ressaltam a influência positiva que os professores homens podem exercer na quebra de estereótipos e na promoção de uma educação mais igualitária e inclusiva.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo geral analisar o impacto da masculinidade hegemônica na relação professor/aluno no ambiente escolar. Para alcançar esse objetivo, elencou-se como objetivos específicos: avaliar as possibilidades de desconstrução das masculinidades hegemônicas na dinâmica escolar e analisar estratégias e abordagens pedagógicas para a desconstrução da masculinidade hegemônica no contexto educacional. Assim, através de uma revisão integrativa, busca-se analisar criticamente estudos relevantes que abordam essa temática, visando identificar tendências, lacunas e possíveis caminhos para a desconstrução das normas restritivas de gênero. Essa abordagem abrangente e sistemática fornecerá uma compreensão aprofundada do assunto, contribuindo para o avanço do conhecimento e promovendo relações mais equitativas e saudáveis no ambiente escolar.

Percurso metodológico

Esta revisão integrativa foi conduzida a partir de uma busca inicial, realizada em 2021 nas plataformas SciELO, LILACS e na CAPES CAFE. Foram utilizadas as palavras chave “Masculinidade” e “Escola” junto ao operador booleano “E” (“AND”), e

o operador booleano “OU” (“OR”), adicionados a palavra “escolar”. Os filtros aplicados incluíram artigos publicados entre 2011 a 2021, revisados por pares e idiomas em português, após esta etapa chegamos a um total de 60 artigos na plataforma de periódicos da CAPES CAFE, 1 da LILACS e 3 da SciELO. Depois das leituras dos títulos restou um total de 18 artigos (16 da Capes, 1 da SciELO e 1 da LILACS). Após uma leitura dos resumos, selecionou-se 9 artigos.

Em 2022 foi realizada uma segunda busca nas mesmas plataformas, utilizando as mesmas palavras chave, com a diferença do período que agora abrangia até o ano de 2022. De um total de 83 artigos, foram selecionados 20 artigos, sendo 12 artigos da plataforma Capes, 5 textos da LILACS e 3 da SciELO. Em seguida, foi realizada uma nova busca na plataforma de periódicos da Capes, dessa vez utilizando as palavras chave (Masculinidade*) AND (Professor), surgiram 53 resultados, após a aplicação dos filtros e leitura dos títulos, foram selecionados 11 artigos. Dessa forma, nessa segunda busca, obteve-se um total de 31 artigos (23 da Capes, 3 da SciELO e 5 da LILACS). Após a leitura e exclusão dos repetidos, obteve-se 11 artigos.

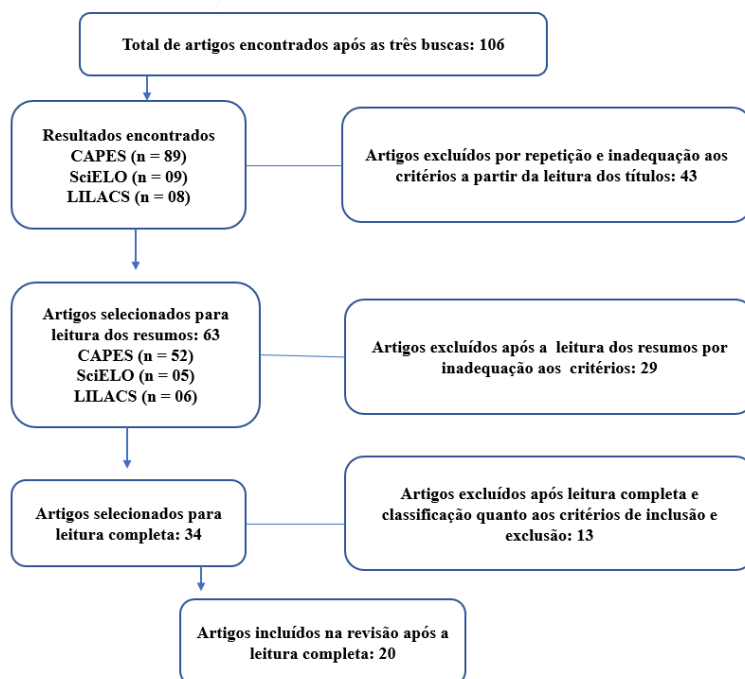
Em 2023, foi realizada uma terceira busca nas mesmas plataformas, utilizando as mesmas palavras chave da segunda busca. Foram encontrados um total de 57 artigos (50 da plataforma Capes, 2 da LILACS e 5 da SciELO), após a exclusão dos artigos repetidos nas buscas anteriores e leitura dos resumos, restaram 14 artigos para uma leitura completa.

Como critérios de inclusão, escolhemos artigos que falassem sobre o conceito de masculinidade, localizassem a discussão na escola e envolvesse a figura do professor na discussão. E como critérios de exclusão, retiramos os artigos que não estavam em formato completo, os que não estavam acessíveis no idioma da pesquisa e teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso.

Assim, somando a quantidade total das três buscas, temos uma quantidade final de 106 artigos selecionados, após a exclusão dos artigos repetidos e aplicação dos critérios, tivemos um total de 63 artigos. Após a leitura dos resumos, restaram 34 artigos

selecionados para uma leitura completa. Após a leitura completa dos artigos, restaram 20 artigos para análise, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma para seleção de artigos



Fonte: Elaboração própria

Resultados

Os 20 artigos selecionados que foram discutidos neste estudo, correspondem as bases de dados SciELO, e LILACS e 17 da plataforma de periódicos da CAPES. 19 deles são artigos de natureza qualitativa, foram publicados em revistas da área da Educação (14), área de Ciências Sociais em Gênero e Sexualidade (5) e na área de Ciências Biológicas (1). Em sua maioria, são estudos das áreas Sul e Sudeste, sendo 5 da região Sul e 7 da região Sudeste, os demais foram publicados 4 na região Centro Oeste e 3 na região Nordeste. Não foram encontrados artigos na região Norte com os filtros de busca utilizados e a partir dos critérios estabelecidos.

Dentro do recorte, 4 deles foram escritos por mulheres, 09 deles escritos por homens e 7 deles foram escritos por homens e mulheres. Percebe-se uma participação importante de homens na produção científica na temática de masculinidade

Os artigos selecionados, em sua maioria tem a figura do professor como foco, aborda sobre as relações do professor com os alunos, com a docência e envolvem discussões na perspectiva de homens com identidade não hegemônica ao que se espera da masculinidade. Estes estudos tiveram como base teórica, em sua maioria, o conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por Raewyn Connell e Elisabeth Badinter, a concepção de gênero a partir de Judith Butler e Joan Scott, bem como a concepção de relações de poder baseada em Michel Foucault.

Os artigos selecionados foram organizados em três categorias distintas, que foram estabelecidas com base nas questões relevantes abordadas pelos estudos e que se alinham aos objetivos desta pesquisa. Essas categorias estão apresentadas no Quadro 1 a seguir com os títulos: Escola e masculinidade, Docência e masculinidade e Possibilidade de desconstrução.

Quadro 1 – Artigos selecionados para análise

Nº	Título do Artigo	Ano	Autores	Base de Dados	Tema/Categoria
1	Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares	2018	Cinthia Torres Toledo Marília Pinto de Carvalho	SciELO	Escola e Masculinidades
2	Docência e subjetivação: cartografias das forças que criam um corpo-masculino-menor	2012	Rogério Machado Rosa	LILACs	Docência e Masculinidades
3	Cenas etnográficas para entender representações de masculinidade na escola	2016	Luciana Borre Nunes	CAPES	Escola e Masculinidades/Desconstrução
4	As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes	2012	Marcelo Moraes E Silva; Maria Rita de Assis Cesar	CAPES	Escola e Masculinidades
5	Masculinidades na escola: Revisão bibliográfica nas bases Educ@a e Scielo entre 2008 e 2018	2020	Lucas Périco Ricardo Desidério da Silva	CAPES	Docência e Masculinidades
6	“Ser homem” e “ser pedagogo”: relações de gênero nos caminhos da profissionalização	2018	Jaime Eduardo Zanette Maria Cláudia Dal'Igna	CAPES	Docência e Masculinidades

7	Risco de Violência e Suicídio na construção de masculinidades adolescentes	2018	Welson Barbosa Santos Nilson Fernandes Dinis	CAPES	Escola e Masculinidades
8	Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças	2021	Sandro Vinicius Sales dos Santos	CAPES	Docência e Masculinidades/ Desconstrução
9	Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na Educação infantil	2019	Patrícia Dias Prado Viviane S. Anselmo	CAPES	Desconstrução
10	Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFR	2021	Rafael Marques Garcia Erik Giuseppe Barbosa Pereira	CAPES	Escola e Masculinidades
11	Notas sobre Estética Pedagógica e Corpo Masculino Docente	2012	Gladys Mary Ghizoni Teive Rogério M. Rosa	CAPES	Desconstrução
12	Mulher tem mais facilidade para a coisa artística, organização e trabalhos didáticos:	2021	Antonio Xavier Fernando Seffner Maria Carmem Barbosa	CAPES	Escola e Masculinidades
13	Masculinidade e Educação no campo: profissionalização e subjetividades docentes	2017	Welson dos Santos Thiago Sant'Anna Higor Júnior	CAPES	Docência e masculinidades
14	Pedagogias da masculinidade: reflexões acerca de processos de subjetivação de homens professores da EJA	2021	Avelino Aldo de L. Neto; Rita de Cássia da Silva; Robério Nunes M.	CAPES	Docência e Masculinidades
15	Corpo, docência e masculinidades: das heterotopias à estética da existência	2012	Rogério Machado Rosa	CAPES	Desconstrução
16	Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escolar	2022	Arthur Furtado Bogéa Iran de Maria Leitão Nunes	SciELO	Escola e Masculinidades
17	Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais	2019	Luciana Aparecida Siqueira Silva Elenita Pinheiro De Queiroz Silva	CAPES	Desconstrução
18	Masculinidades e docência na educação infantil	2017	Angelita Alice Jaeger; Karine Jacques	CAPES	Docência e Masculinidades/ Desconstrução
19	Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades	2015	Marcio R. V. Caetano; Paulo M. Da Silva Júnior; Jimena Garay Hernandez	CAPES	Escola e Masculinidades
20	Docência e gênero: o professor homem na educação infantil	2019	Patrícia Gouvêa Nunes; Lucia R. Helena Afonso	CAPES	Docência e masculinidades

Fonte: Organizado pelas autoras.

Discussões

A discussão dos resultados da revisão de literatura revela importantes reflexões sobre o impacto desse padrão dominante de masculinidade na dinâmica social, cultural e educacional. Ao analisar uma variedade de estudos, é possível compreender as complexidades e as consequências desse fenômeno nas vidas dos indivíduos. A masculinidade hegemônica exerce uma influência significativa sobre as construções de gênero, as relações interpessoais e as oportunidades de desenvolvimento dos estudantes.

Destaca-se que esta análise considera que a masculinidade hegemônica não é uma característica inata, mas sim uma construção social complexa, marcada por uma interseccionalidade de fatores como raça, classe social, orientação sexual e outros marcadores sociais. Essa masculinidade é, portanto, uma tecnologia social que reforça e reproduz padrões de poder e hierarquia, marginalizando e oprimindo aqueles que não se encaixam nesse ideal. Assim, é fundamental reconhecer e desconstruir essas normas, buscando promover uma masculinidade diversa sem que um padrão específico, seja necessariamente dominante.

Nesta seção, serão apresentadas as tendências identificadas no recorte de literaturas, dos artigos selecionados, dos últimos 10 anos.

Primeiramente, destacam-se artigos que se voltam para as vivências de masculinidades plurais na escola, o segundo eixo temático contém os estudos que se voltam para o campo da docência, o campo da prática pedagógica como uma possibilidade de ruptura de identidades masculinas dominantes. E no terceiro eixo temático, destacam-se estudos que possibilitem pensar em desconstrução da masculinidade dominante e abertura para novas possibilidades no ambiente escolar.

Escola e Masculinidades

Evidenciou-se nos estudos o entrelaçamento de diversas masculinidades coexistindo no mesmo ambiente, embasados na noção de masculinidade hegemônica enquanto um padrão que vai contribuir para a marginalização de masculinidades que não correspondem a esse ideal. Nesse sentido, é crucial reconhecer que a masculinidade hegemônica está intrinsecamente ligada a questões interseccionais, sendo uma construção social e não uma característica natural. Trata-se, portanto, de uma tecnologia política que necessita ser modificada para quebrar padrões hegemônicos e promover a valorização e respeito pela diversidade de formas de masculinidades e feminilidades.

Neste tópico destaca-se o estudo de Toledo e Carvalho (2018) que teve como intenção compreender sobre as concepções coletivas de masculinidade entre os meninos, bem como as possíveis implicações destas nos seus desempenhos escolares. Notou-se que os garotos observados vivenciam um emaranhado de dinâmicas de poder e hierárquicas entre si, embora alguns meninos sejam considerados bons alunos, isto não os isenta de sofrerem críticas e serem trazidos para esta lógica de hierarquias que acontece a todo momento. Estes rapazes são colocados à prova diante da ideia de masculinidade hegemônica e o interessante aqui é que o crivo da masculinidade não é determinado individualmente e nem imposto pela figura do professor. Diante das cenas observadas pelas autoras, o crivo é construído nas relações de poder entre as crianças (TOLEDO; CARVALHO, 2018).

Nesta mesma perspectiva, o estudo de Nunes (2016) buscou compreender a constituição de masculinidades a partir das interações em grupos e cenas do cotidiano escolar. E da mesma forma, evidenciou-se acordos constantes sendo firmados entre os meninos a todo momento em interações, fazendo com que modifiquem seus comportamentos para serem aceitos nos grupos de meninos. O que se elucidou nesses estudos é que as diferentes formas de expressar as masculinidades quando confrontadas com o modelo dominante e hegemônico acabam por sofrer processos de exclusão e

estigmatização por parte dos colegas e até mesmo, professores no âmbito escolar. Por esta perspectiva de hegemonia, é importante ressaltar que outros marcadores sociais também são produzidos como hegemônicos, perpetuando assim formas de exclusão e marginalização que reforçam desigualdades sociais mais amplas.

E foi pensando nas percepções dos docentes que Silva e César (2012) desenvolveram um estudo acerca das masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física. Dessa forma, o medo de ser humilhado por outros homens publicamente reforça a necessidade dos meninos de “fazer-se homem” e principalmente, “manter-se homem”, pois esta categoria não é dada a priori, o garoto precisa conquistá-la e sustenta-la.

O espaço de prática de atividades físicas é um espaço de contribuição significativa para produção de masculinidades, além de ser um espaço em que se estabelecem hierarquias entre diferentes masculinidades. Percebe-se como reforçadora da masculinidade hegemônica, pois os atributos exigidos em modalidades esportivas se voltam para agressividade, competitividade, força física. Este aspecto foi evidenciado pelos participantes que afirmaram encontrar dificuldade de participação dos meninos nas atividades quando estas não apresentam estes quesitos (SILVA; CÉSAR, 2012).

Corroborando com esta ideia, o estudo de Boguea e Nunes (2022) trata de como os discursos acerca da ideia de uma masculinidade normal/natural impõe processos de normalização por meio de discursos de gênero que são produzidos e reproduzidos no espaço escolar. Eles perceberam nas falas dos participantes essas imposições de gênero e a adaptação que os participantes tem que fazer para se adequar ao esperado do grupo de sujeitos masculinos hegemônicos. Percebe-se o quão performático é ser masculino e o quanto essa definição de lugares vai configurando privilégios a quem se adequa. Essa construção social da masculinidade é fundamental para compreendermos que não se trata de uma característica intrínseca aos homens, mas sim de um conjunto de normas, comportamentos e expectativas socialmente construídas e mantidas. A masculinidade hegemônica, portanto, não é uma essência, mas sim uma performance que os homens são compelidos a realizar para se encaixarem em determinados padrões sociais.

Essa compreensão é essencial para desnaturalizar as hierarquias de gênero e promover a desconstruções de padrões de relações de poder entre homens e mulheres, e onde as diferentes formas de ser homem sejam respeitadas e valorizadas, sem a imposição de normas rígidas e excludentes. Da mesma forma, é importante destacar que esse processo de desconstrução e valorização da diversidade deve ocorrer também em relação a outros marcadores sociais, como raça, classe social, orientação sexual, entre outros, para que se promovam outros padrões possíveis de relação entre as pessoas.

As diferentes concepções de masculinidades presentes no âmbito escolar, elucidado pelos estudos corroboram com o que Badinter (1993) defende que o ser masculino enfrenta o desafio de provar-se homem. Para a autora, a masculinidade não é dada e também não se trata de um conceito fixo, os homens estão o tempo todo confrontando suas masculinidades com a noção de masculinidade hegemônica.

Neste cenário, como aparece a escola? De acordo com o estudo de Nunes (2016), a escola é apontada como possuidora de mecanismos de disciplinamento que reafirmam comportamentos específicos para cada gênero, provocando a marginalização dos que não se adequam. Estas hierarquias construídas no interior da escola, de acordo com o estudo de Toledo e Carvalho (2018), nada mais são do que o reflexo de hierarquias sociais, marcadas pelas desigualdades de gênero, de raça e de classe. As autoras exploram sobre a interseccionalidade destes marcadores nas posições hierárquicas entre os meninos.

Já o estudo de Caetano, Silva Júnior e Hernandez (2015) o que se destaca é que, embora existam discursos defendendo as expectativas da masculinidade hegemônica tanto no que é proferido pelos alunos quanto pelo o que se estabelece como norma (indiretamente) na escola, percebe-se diversos sujeitos tentando burlar as regras.

Concordando com os demais artigos, os autores vão afirmar que a escola é um dispositivo de legitimação da masculinidade hegemônica, mas que também pode ser um elemento que vai desconstruir o discurso hegemônico do que é ser homem. Os autores se depararam com concepções restritas de masculinidade presente nos discursos dos

estudantes e nas práticas pedagógicas, entretanto, a vivência das masculinidades pode ser muito mais ampla (CAETANO, SILVA JÚNIOR E HERNANDEZ, 2015).

O estudo de Nunes (2016) reforça que todos estão imersos nas relações de gênero, dessa forma, não se herda um gênero de forma passiva, mas constrói-se estratégias para seguir repetindo comportamentos específicos. Conforme observado no estudo, um garoto foi ridicularizado e rapidamente adequou seu comportamento ao que o grupo exigia dele naquele momento. Ou seja, os garotos constroem estratégias de sobrevivência para não sofrer exposições, assim como observado no estudo de Toledo e Carvalho (2018), as crianças tem papel ativo na construção e reprodução de hierarquias.

Em meio a este emaranhado de hierarquias no âmbito escolar evidenciadas nos estudos, percebe-se um alinhamento com o que defende Connell (1995) em relação a instituição escolar, esta seria não apenas reprodutora, mas produtora de concepções de masculinidades e feminilidades.

Dentro deste cenário, algumas diferenças importantes precisam ser destacadas. No estudo de Silva e César (2012), os professores entrevistados possuem a percepção de que os meninos que escapam às normas de gênero (que não gosta de jogar futebol, que tem um comportamento considerado feminino) são excluídos pelo seu grupo. Por outro lado, se uma menina apresenta comportamentos considerados masculinos, o grupo das meninas não a exclui. Ou seja, os meninos são mais cobrados no que se refere a expressão de gênero, são ridicularizados, enquanto que as meninas não sofrem o mesmo tratamento. Percebe-se a intolerância quanto às diferentes possibilidades de mostrar-se masculino.

Quais as implicações desses processos de subjetivação? O estudo de Santos e Dinis (2018) traz essa questão, abordando o impacto dos discursos e assujeitamentos em relação à masculinidade na construção da identidade masculina na adolescência. Explora-se a relação entre masculinidades, violência e risco de suicídio, evidenciando como certas identidades masculinas são estigmatizadas e marginalizadas.

A pesquisa realizada com 17 estudantes de duas escolas de ensino fundamental e médio, possibilitou perceber a instauração da violência como consequência do não ajuste à norma e do não encontro de rotas de fugas possíveis para masculinidades subalternas. As cobranças, a pressão para corresponder a um modelo dominante, para seguir o alinhamento do que se espera da masculinidade, ser heterossexual, viril, afastar-se de tudo o que representa a feminilidade. Todo esse cenário contribui para sentimentos de desajuste entre os jovens investigados neste estudo (SANTOS; DINIS, 2018).

Identities sufocadas, sujeitos levados ao desespero, a partir da leitura do estudo, nota-se que o maior medo que ronda o processo de adolecer é o descumprimento das normas de gênero e heteronormatividade, desencadeando adoecimentos que podem levar ao suicídio. Não corresponder as imposições de gênero e sexualidade incorre em um risco de sofrimento que deixa marcas profundas nos sujeitos, no estudo em questão percebemos que os meninos passaram por um processo doloroso de aceitação por não corresponder ao que se espera da masculinidade hegemônica (SANTOS; DINIS, 2018).

Outro aspecto que se destaca no estudo de Santos e Dinis (2018), trazido nas falas dos participantes é a questão da religião que favorece crenças limitantes e promove processos de exclusão. O componente religioso também é explorado no estudo de Nunes (2016), a autora destacou que a escola investigada utiliza de ensinamentos religiosos como ações pedagógicas. A utilização indevida do aspecto religioso no âmbito escolar apresenta-se como um reforçador de crenças conservadoras e limitantes quanto a possibilidades de desconstrução de desigualdade de gênero e sexualidade.

Dessa forma, temos um cenário conservador em que o não cumprimento das normas de gênero colocam o sujeito como suscetível a violências físicas e simbólicas, conforme observado no estudo de Bogéa e Nunes (2022). Mesmo que não existam normativas acerca da masculinidade de forma direta e formal, as normas de gênero estão presentes no ambiente escolar.

Nesse sentido, o estudo de Xavier, Seffner e Barbora (2021) aponta para estas construções de masculinidades e feminilidades como sendo mutáveis e em constante produção. Este estudo demonstra uma tensão entre a exigência da docência e a exigência do ser homem, esse movimento exige a necessidade de manter-se afastado de qualquer elemento de desconfiança. É nesta dinâmica que alguns professores homens conseguem romper com as expectativas de gênero.

Os docentes vivenciam uma espécie de anulação de si mesmo em sala de aula, bell hooks (2013) explica bem essa dinâmica dos docentes enquanto espíritos “descorporificados”. Ao entrar em sala de aula, os professores tem que deixar para trás muita coisa que compõe sua identidade, limitando-se a ser somente docente. A autora faz provocações e aponta para uma pedagogia crítica que desafia o professor a se colocar por inteiro em sala de aula, isto é, levar seu gênero, seus afetos, seus corpos como um todo.

Os autores Xavier, Seffner e Barbora (2021) destacam a importância da problematização das normas de gênero na educação. Já o estudo de Garcia e Pereira (2021) destaca a necessidade de questionar os entendimentos sobre corpo, masculinidades e feminilidades presentes nos conteúdos e práticas pedagógicas. Esta pesquisa buscou compreender as relações entre as masculinidades durante a formação.

Notou-se que a formação em Educação Física sofre influência dos discursos que normatizam e naturalizam condutas de acordo com a ideia de masculinidade hegemônica. Esses discursos trazem aspectos sexistas, contribuindo para a vulnerabilidade de mulheres e das masculinidades que fogem das normas estabelecidas (GARCIA; PEREIRA, 2021).

Os autores sugerem repensar os processos metodológicos na formação em Educação Física e no espaço escolar, pensando novas práticas que possam ressignificar a formação de professores considerando a diversidade de masculinidades (GARCIA; PEREIRA, 2021). Da mesma forma, no estudo de Silva e César (2012), destaca-se a

necessidade de repensar as estruturas da escola que no cotidiano reforçam estereótipos e separam meninos de meninas.

Os atravessamentos de gênero estão em todos os espaços e a instituição escolar deve estar atenta para não reproduzir estes estereótipos, evitar atividades que segregam meninos e meninas, evitar o uso de marcadores de gênero e sexo, evitar a reprodução de discursos sexistas que naturalizam processos que estão no âmbito do histórico e social.

Docência e Masculinidades

Os estudos deste eixo temático se voltam para a compreensão de como as relações de poder instituem práticas de educar, ou seja, como as relações de poder interferem no “ser professor” e como estas práticas são atravessadas pelas masculinidades, como respondem a concepção de masculinidade hegemônica.

O estudo de Zanette e Dal’Tgna (2018) discute o conceito de gênero, sua importância na organização da sociedade e na formação profissional dos professores. Já o estudo de Jaeger e Jacques (2017) trata de uma análise acerca das relações de gênero e construção da docência masculina no âmbito da Educação Infantil. Destaca-se a necessidade de reflexão sobre as relações de gênero e a identidade profissional docente, além da importância da formação continuada nesse sentido.

Durante os relatos, percebe-se que a figura do homem em sala de aula com crianças é comumente comparada com a de um soldado colocando disciplina no grupo, são expectativas desta natureza que se colocam na figura masculina em relação com as crianças na escola (Zanette e Dal’Tgna, 2018). A questão de colocar os professores homens nas piores turmas a fim de que tenham uma mão firme na disciplina, é algo que surge no estudo de Jaeger e Jacques (2017) também.

Outro aspecto que se destacou no estudo de Zanette e Dal’Tgna (2018) foi o fato desses profissionais serem empurrados para cargos de administrativo, os lugares em que atuaram, prontamente ofereceram cargos fora da sala de aula como que tentando tirá-los

deste lugar. Sem considerar que na escola possam ter mulheres tão ou quiçá mais capacitadas para tais cargos e, no entanto, nunca lhes ofereceram tais oportunidades.

Percebe-se como as relações de poder vão tomando forma no âmbito da profissão, nesse aspecto, Medrado e Lyra (2008) questionam se os homens exercem de fato esse poder ou se são impulsionados a essa tarefa. Desde muito cedo, o sujeito masculino está imerso em um discurso que o constitui como “líder nato”, faz parte do repertório da masculinidade dominante.

É importante destacar também, no estudo de Jaeger e Jacques (2017), evidenciou-se um receio por parte das escolas em ter um professor homem atuando com crianças pequenas. E conforme exposto no estudo de Zanette e Dal’Tgna (2018), as escolas investigadas aqui também tomaram decisões para que o corpo deste professor fique o mais distante das crianças possível. Não permitir homens em sala de aula com bebês é uma forma de evitar que este homem se coloque na posição de cuidador.

Este receio de um possível abuso sexual é algo bastante comum na mente de profissionais da educação infantil em torno da figura masculina, as autoras afirmam que esta desconfiança é algo que todo professor homem já experimentou. É algo que se baseia na noção de que mulheres são seres dóceis e puros e homens são incontroláveis, sexualmente selvagens (JAEGER; JACQUES, 2017).

Percebe-se nos estudos escolhidos para este eixo temático que a figura do homem como professor de crianças reverbera de diversas formas, reforçando alguns estereótipos como é caso do que foi relatado pelos participantes do estudo de Jaeger e Jacques (2017). Os professores vivem uma ambiguidade sexual, existe um clima de desconfiança quanto a sua orientação sexual devido a escolha da profissão.

Nesse sentido, qual a influência da presença de um professor homem na educação? Nunes e Afonso (2019) discutem que apenas por estar inserido na educação infantil, o homem já apresenta significações no imaginário da sociedade, dos pais, das crianças e demais funcionários da escola. Santos (2021) também reforça a importância da presença masculina na desconstrução de estereótipos de gênero.

Nesse sentido, por mais que homens e mulheres ocupem os mesmos espaços sociais, de acordo com o estudo, os homens continuam desempenhando funções tidas como masculinas e as mulheres desempenham funções consideradas femininas. Por exemplo, nas falas dos entrevistados, reforça-se a ideia de que o homem concede mais autoridade e segurança como professor na instituição (NUNES; AFONSO, 2019).

Da mesma forma que se encontra no estudo de Santos (2021) em que a professora e as crianças associam a figura do professor homem sempre a rigidez, disciplina, a autoridade, características encontradas na ideia de masculinidade hegemônica. É a partir daí que a prática profissional dos homens e das mulheres começa a se diferenciar.

Percebe-se então que o homem somente tem permissão de adentrar este universo tido como feminino da educação infantil, se for dentro destas determinações, ser um homem autoritário, manter a disciplina, ser rígido, que mantem a turma “controlada” Nunes e Afonso (2019).

Agora, pensando o homem na docência por outra perspectiva, o estudo de Rosa (2012) analisou entrevistas com cinco professores do ensino médio que não se enquadram no modelo hegemônico de masculinidade. O que se destacou foi a potência criativa que os encontros em sala de aula provocam nos corpos e nas masculinidades dos professores, a relação pedagógica na construção de corporeidades masculinas não hegemônicas, colocando a escola como um espaço de transformação e produção de identidades.

Neste estudo, os participantes trouxeram relatos semelhantes ao percebido no estudo de Zanette e Dal’Tgna (2018), ao falar sobre a questão de ser professor e ser homem, relataram uma espécie de não lugar, como se estivessem fora do lugar de pertencimento. Rosa (2012) chama de subjetividades nômades, esse movimento de refazer-se diante da inadequação ou da não correspondência ao modelo dominante de masculinidade vivenciado pelos professores. A autora explica:

Na realidade, não há a construção de uma única, mas de masculinidades. Reconhecer a possibilidade dos vários tipos de masculinidade não significa tornar essas variâncias fixas, mas oferecer aos homens atuais a possibilidade teórica de diferenciarem e legitimarem as suas masculinidades entre si (CONNELL, 1995, p. 188).

Estas masculinidades estão se refazendo e se recriando em meio aos encontros possíveis dentro do âmbito escolar, percebe-se durante a fala de um dos participantes que este sofre os impactos das mudanças das gerações que chegam a cada ano. Percebem novas masculinidades sendo apresentadas, novas possibilidades em meio a toda essa imposição e isto lhe transforma um pouco a cada dia, a cada convívio (ROSA, 2012). Dessa forma, o professor consegue levar para a sala de aula através da relação com os alunos e a partir de uma perspectiva de masculinidade subalterna, muito mais do que o conteúdo pedagógico.

O professor pode ser agente de discussões, eles podem ser protagonistas na construção de práticas que reduzam processos discriminatórios de gênero, é isto que o estudo de Périco e Silva (2020) demonstra, os autores fizeram uma revisão bibliográfica que examina estudos sobre masculinidades no contexto escolar. São abordados temas como violência, homofobia, estereótipos de gênero e formação de professores.

Pensando o homem na docência, cabe aqui destacar novamente o estudo de Jaeger e Jacques (2017). Considerando que os atributos exigidos na profissão da docência são compatíveis com os constructos normalmente atribuídos às mulheres, a inserção de homens nesse contexto abre possibilidades para rupturas necessárias no âmbito escolar.

Isto quer dizer que, as construções acerca da masculinidade hegemônica fazem oposição ao que se espera da docência, principalmente na Educação Infantil, pois trata-se de uma prática que requer paciência, sensibilidade, calma, delicadeza e etc., estes atributos são comumente associados às mulheres. É por isso que as autoras defendem que a presença do homem nesse contexto abre brechas e forja rupturas

necessárias para pensarmos outras possibilidades de masculinidades (JAEGER; JACQUES, 2017)

Ao encontro do que defendem as autoras, o estudo de Santos (2021) sustenta que quando o sujeito masculino adentra um espaço dominado majoritariamente por uma ideia de pertencer ao universo feminino, ele passa a alterar as relações de gênero que ali se estabelecem. Podendo atuar como possibilidades de produção de novos sentidos sobre masculinidades e feminilidades ou reforçar estereótipos sociais, interessante que ele vincula essas possibilidades ao quanto esses profissionais se veem como agentes transformadores das diferenças de gênero.

Os meninos e meninas presentes no âmbito escolar não recebem passivamente um processo de socialização que vem de cima para baixo; ao contrário, esses sujeitos atribuem sentidos e significados aos elementos culturais aos quais estão expostos, podendo ser, dessa forma, restringidos por eles ou não. Esse processo dinâmico e interativo evidencia a agência dos estudantes na construção de suas identidades de gênero e na forma como se relacionam com as normas sociais estabelecidas. Conforme observado nos demais estudos do eixo temático anterior (SANTOS, 2021), é fundamental reconhecer essa atuação ativa dos sujeitos, pois isso abre caminho para intervenções educativas mais inclusivas e sensíveis às diversidades, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais equitativos e acolhedores para todos.

O campo da docência é um campo de possibilidades, o estudo de Santos, Sant'Anna e Junior (2017) explora as objetivações e subjetivações de professores masculinos atuando em escolas rurais. Os autores sugerem que certas masculinidades não hegemônicas podem encontrar na docência uma rota de fuga e ajuste para a profissionalização. O artigo também enfatiza a importância da afetividade na docência e questiona se a educação pode ser um caminho de escape para masculinidades não hegemônicas sujeitas à subalternização.

O exercício da profissão de docente exige uma sensibilidade, por exemplo, que quando pensamos nas masculinidades, é entendê-la como subalterna. As relações dos

professores com os alunos, pensar em sensibilidade, afetos, sentimentos, são algumas das características que não condizem com o ser masculino hegemônico. É justamente nesta dobra que as masculinidades não hegemônicas encontram uma rota de fuga, na construção da experiência dos docentes com os alunos, trilhando um caminho singular, porém não alinhado às normas impostas.

Eles concluem com esse estudo que as subjetividades masculinas podem fazer a diferença na escola do nosso tempo por serem forjadas sempre na condição de subalterna. Elas estão constantemente se recriando e transgredindo o que lhes foi imposto como padrão, a partir delas novos sentidos são dados aos corpos, novas definições de masculinidades socialmente admiráveis (SANTOS, SANT'ANNA E JUNIOR, 2017).

Pode-se afirmar então, que existe uma tensão entre um ideal inatingível de masculinidade hegemônica e a ruptura criativa com esse padrão, foi o que se destacou nos estudos e o que se evidencia no estudo de Lima Neto, Silva e Maia (2021). O estudo teve como foco compreender como a masculinidade hegemônica atuou em processos de subjetivação de três professores.

Evidenciou-se no estudo diversos comportamentos que os meninos não podem ter, o medo de ser associado ao homossexual, os adjetivos femininos como ofensa, a questão da sensibilidade, tudo isso vai constituindo uma subjetividade masculina. Os autores apontam para uma necessidade de inserção dessa discussão acerca da masculinidade na formação de professores pensando na construção de formas mais saudáveis de ser homem e educador (LIMA NETO, SILVA E MAIA, 2021).

Os autores afirmam que o dispositivo da masculinidade hegemônica violenta física e simbolicamente não somente os homossexuais e mulheres, mas também os próprios homens heterossexuais, pois se trata de um ideal inatingível. Conforme defendido por Connell (1995), a ideia de masculinidade hegemônica envolve justamente esta hierarquização e dominação dentro da dominação.

Diante disso, inseridos numa outra pedagogia, homens docentes poderão contribuir significativamente para a igualdade de gênero e para a compreensão da masculinidade como uma construção identitária que pode ser desmantelada para dar espaço a formas mais saudáveis de ser homem e de ser educador (LIMA NETO, SILVA E MAIA, 2021).

Nesse sentido, é possível perceber, a partir dos estudos apresentados que somente a presença do homem na educação infantil não basta para desconstruir a masculinidade hegemônica. É necessário que estes homens ocupem papéis de cuidado, é necessário que se envolvam com atividades delicadas e possam estar abertos para demonstração de afeto entre pares, atitudes que possam desconstruir estereótipos de masculinidade. Dessa forma, reforça-se a necessidade de inserção da discussão de gênero na formação docente, além de formação continuada para professores atuantes, sensibilizar a comunidade escolar acerca das construções de masculinidades e feminilidades para que seja possível pensar em novas possibilidades.

Possibilidades de desconstrução

A partir da leitura dos estudos, este eixo temático foi pensado com base nas possibilidades de desconstruções da masculinidade hegemônica no contexto escolar.

O estudo de Nunes (2016) cabe ser destacado neste eixo por apontar para a ausência de histórias, personagens ou situações não heteronormativa no repertório visual da criança. A autora reforça que esta ausência produz a naturalização de uma única maneira de viver as relações sociais, quando não se problematiza este cenário, favorecemos um ambiente fértil para discursos discriminatórios.

Os discursos que são predominantemente reforçados entre rapazes é o da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade compulsória. Foi o que Siqueira Silva e Queiroz Silva (2020) perceberam em seu estudo, que seria um levantamento

acerca de como a masculinidade vem sendo abordada em artigos publicados nos periódicos nacionais.

Os estudos encontrados apontam que nas interações vividas nas escolas, distintas masculinidades se entrelaçam e se atravessam. Dentro das buscas que fizeram, perceberam que não se deve desconsiderar a interseccionalidade entre os conceitos de raça, gênero e classe quando se fala em masculinidades (SIQUEIRA SILVA E QUEIROZ SILVA, 2020).

Já o estudo de Prado e Anselmo (2019) enfoca a atuação profissional e discute a importância de questionar os estereótipos de masculinidade e feminilidade presentes na construção da docência, demonstrando para os alunos através de sua atuação que os homens estão inseridos ali e podem desempenhar papéis que costumam ser atribuídos às mulheres. Um dos professores participantes do estudo reforçou a necessidade de se debater sobre desigualdade de gênero dentro do âmbito escolar, ele percebe o quanto isso interfere na relação com os alunos.

O que se coloca como possibilidade diante do estudo de Nunes (2016), é justamente inserir representações de masculinidades plurais na escola, colocar outras possibilidades, desconstruir juntamente com os sujeitos masculinos a ideia de masculinidade hegemônica para que se possa emergir outras possibilidades. Ela continua:

Duvidar de interpretações naturalizadas, romper com narrativas estáveis, questionar crenças consolidadas, desconfiar de verdades preestabelecidas que, muitas vezes, nem nos damos conta e criar possibilidades para outras e diferentes maneiras de entender a cultura de imagens são objetivos do campo reflexivo/político da cultura visual (NUNES, 2016, p. 493).

A postura da autora é a de questionar: o que se tem normalizado dentro da escola? O que não encontra espaço para dúvidas? É uma maneira de dismantellar certezas para que possam emergir novas possibilidades. É uma postura defendida por Jaeger e Jacques (2017) também.

As autoras sugerem em seu estudo, a inserção da discussão de gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura no currículo regular. Já Siqueira Silva e Queiroz Silva (2020) defendem a realização de pesquisas que abandonem noções únicas sobre a identidade de homens e mulheres, esta seria uma forma de contribuir com a desconstrução de masculinidade hegemônica no contexto escolar proposto pelos autores.

Outra possibilidade levantada seria a inserção de um debate a nível institucional sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar. O estudo de Santos (2021) denuncia esta necessidade de uma reflexão crítica de questões de gênero na escola, pensando em uma sociedade mais igualitária e justa. Dessa forma, não basta inserir o professor na educação infantil, é preciso que haja este debate afim de desconstruir estereótipos de gênero.

Nessa perspectiva, o estudo de Rosa (2012) tem uma grande contribuição. O autor buscou entender como que os professores entrevistados, não integrados à lógica da masculinidade hegemônica, experienciam corpos marginalizados. Pensando a experiência como algo que nos altera, os estilos de relações que se estabelecem entre professores e alunos que convivem na escola, leva-os à reinvenção de si mesmos, evidenciando a potência criativa do encontro com a alteridade.

O corpo-masculino-menor é entendido pelo autor como aquele que borra as fronteiras da masculinidade hegemônica. Esses professores tencionam limites, físsura estruturas, rompem com a linearidades e nesse processo criam recriam laços e confundem imagens - fazendo de si um lugar de acontecimento (ROSA, 2012). O autor mergulha nesse processo de rupturas e surgimento de caminhos possíveis, de forma poética. Esse movimento de questionar verdades e estruturas sólidas que atravessam todos os corpos.

Basicamente, o que o autor está afirmando com base em Foucault, é que ao transcender fronteiras, ao borrar os limites e ousar descumprir as normas de gênero, esses professores provocam fissuras em uma estrutura que pode agora ser questionada e quem sabe, desconstruída. É através de encontros, em sala de aula e em outros espaços, pois ali narram suas experiências, discutem seus problemas, vivem seus afetos, trocam saberes e leituras, afetam-se e transforma-se (ROSA, 2012).

Compreende-se como sugestão do autor que a escola tem capacidade para dar sustentação à diversidade, dar visibilidade, dar espaço. Trazer para discussão, envolver na dinâmica escolar de forma institucional para que se consiga estremecer um pouco as estruturas de gênero.

No estudo de Teive e Rosa (2012), são apresentadas problematizações em torno dos acontecimentos biográficos narrados por cinco professores que estão associados ao processo de construção de seus corpos e masculinidades. O estudo explora como esses professores constroem e experienciam corpos masculinos menores na relação com o exercício da docência no ensino médio de escolas públicas estaduais.

O que se destaca deste estudo é trazido em uma das falas de um participante, refere-se ao cotidiano escolar como algo que tem sempre algo novo para mostrar. Embora muitos não notem, a rotina, o conteúdo pedagógico e calendários escolares podem ofuscar um pouco, mas se o professor tiver uma sensibilidade maior, pode notar coisas mais explícitas como casais homoafetivos trocando afetos, como a ambivalência sexual do professor ou até mesmo meninos expressando a feminilidade através das roupas e causando impactos no corpo docente e na coordenação da escola. O professor chama atenção para o quanto de vida existe na escola e o quanto que a convivência com a diversidade pode enriquecer a formação (TEIVE E ROSA, 2012).

É justamente no cotidiano, na convivência diária, nas relações que se estabelecem todos os dias na escola, nas relações professor-aluno e as demais dinâmicas sociais que ocorrem todos os dias na escola que apresenta uma possibilidade de resistir ao jogo viciado de imposições de gênero e sexualidade, o campo pedagógico, o âmbito

escolar é uma possibilidade de favorecer a reapropriação de si mesmo, a ressignificação do que foi instituído. Dessa forma, as desordens causadas por esses borrões nas fronteiras de gênero são essenciais para dar início a esse processo de desconstrução de masculinidades hegemônicas na escola. (PERÉZ, 2007).

Nota-se, a partir dos estudos reunidos neste eixo temático que diversas são as possibilidades de desconstrução da masculinidade hegemônica no contexto escolar, algumas envolvendo atitudes pessoais e coletivas das pessoas inseridas, como é o caso de conversas informais que problematizem estereótipos de gênero ou até mesmo apresentando atitudes que confrontem essas ideias rígidas e hegemônicas. Mas outra possibilidade que se coloca aqui é a inserção de maneira institucional da discussão de gênero e sexualidade nas escolas e cursos de formação docente.

Nesse sentido, a criação de políticas públicas de gênero voltadas para o contexto escolar e a formação docente se fazem necessárias para buscar amenizar essas questões. Arelado a isto, a escola enquanto instituição pode buscar reduzir a imposição de representações de masculinidade e feminilidade hegemônicas, problematizar os estereótipos, promover debates e espaços de discussão que valorizem a diversidade.

Considerações Finais

A análise dos estudos sobre masculinidade no contexto escolar revela um impacto significativo da masculinidade hegemônica na relação professor/aluno. Esse impacto é sentido por todos os sujeitos presentes na escola, afetando suas relações, saúde mental e contribuindo para processos de exclusão e discriminação de sujeitos masculinos não hegemônicos.

As questões de hierarquização nos grupos de meninos, brincadeiras e comentários entre pares emergem como elementos de disciplinamento de gênero e são vivenciadas tanto pelos alunos quanto pelos adultos na escola. Mesmo na ausência de

proibições formais, as normatizações de gênero estão presentes e o descumprimento delas acarreta em consequências negativas.

Destaca-se a relevância dos estudos centrados em participantes gays e a disciplina de Educação Física como um campo fértil para o desenvolvimento das discussões de masculinidades e feminilidades. A escola é reconhecida como um espaço privilegiado para a desconstrução das masculinidades hegemônicas, devido ao encontro pedagógico e às relações estabelecidas nesse ambiente, que oferecem possibilidades criativas para questionar e superar crenças limitantes de gênero.

Diante do exposto, este estudo demonstra a importância de avaliar e desconstruir as masculinidades hegemônicas na dinâmica escolar, reconhecendo a interseccionalidade entre gênero, raça e classe como um fator fundamental nesse processo. A análise dessas interseções revela não apenas as hierarquias existentes entre os próprios meninos, mas também os impactos na construção da identidade masculina, destacando os riscos de violência e suicídio associados a essas normas hegemônicas. Nesse sentido, estratégias e abordagens pedagógicas que considerem e valorizem a diversidade de expressões de gênero e promovam a desconstrução de estereótipos podem contribuir significativamente para a construção de ambientes escolares mais inclusivos e seguros para todos os estudantes.

A escola, ao reconhecer os mecanismos de disciplinamento que reafirmam comportamentos específicos para cada gênero, pode romper com as hierarquias e desigualdades sociais presentes. É fundamental promover estratégias e abordagens pedagógicas que permitam a desconstrução da masculinidade hegemônica, visando relações mais equitativas, respeitadas e saudáveis entre professores e alunos.

Nesse contexto, a escola tem o poder de se tornar um espaço de transformação, onde as normas restritivas de gênero são questionadas e superadas. Ao promover uma educação inclusiva, baseada no respeito à diversidade de expressões de gênero.

Existem diversas práticas que impõem normas de gênero no ambiente escolar, incluindo a exclusão do professor homem da sala de aula devido à crença de que ele é um ser incontrolável sexualmente e não pode assumir o papel de cuidador, bem como a ideia de que os homens devem ocupar um lugar de superioridade em qualquer contexto. Mesmo quando um homem está inserido em um ambiente tradicionalmente considerado feminino, como a sala de aula, as lógicas binárias de gênero ainda persistem e são exigidas condutas diferenciadas para homens e mulheres. Essas práticas refletem a imposição de normas de gênero que reforçam estereótipos e desigualdades, limitando a liberdade e a igualdade de todos os indivíduos no ambiente educacional. É fundamental desafiar e desconstruir essas normas, promovendo uma educação que seja inclusiva, livre de estereótipos de gênero.

Recomenda-se a produção de artigos que se concentrem na formação de professores em relação à discussão de gênero e sexualidade, bem como na inclusão institucional dessas temáticas nas escolas, de modo a envolver tanto os profissionais quanto os alunos. Além disso, observou-se que muitos estudos se concentram nas masculinidades subalternas e nas narrativas de homens que destoam dos padrões estabelecidos. No entanto, é necessário também direcionar atenção para a masculinidade dominante, que subjugas as demais, examinar os homens com identidades consideradas "não problemáticas" e buscar desconstruir o que tem sido naturalizado. Dessa forma, amplia-se a compreensão sobre as construções de gênero e promove-se uma análise mais abrangente e crítica das dinâmicas de poder e normas restritivas presentes na sociedade.

Agradecimentos

As autoras agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ pelo apoio ao desenvolvimento de pesquisas científicas.

Referências

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro, editora Nova Fronteira, 1993.

BOGÉA, A. F.; NUNES, I. de M. L. Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escolar. **Revista de Ciências Sociais**, v.22, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/civitas/a/bLpXXh8vMGj8M8qKfHhWNSy/?format=pdf&lang=pt> < acesso em 10 de jun. de 2023.

BUTLER, J. P. . **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016.

CAETANO, M. R. V.; SILVA JÚNIOR, P. M. Da; HERNANDEZ, J. de G. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. **Revista Periódicos**, v. 1 n.2, 2015. Disponível em < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/12873> > Acesso em 11 de jun. de 2023.

CAMPOLINA, Thaís. **Por que é importante falar de visibilidade lésbica?**. Revista Forum, Publisher Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/por-que-e-importante-falar-em-invisibilidade-lesbica/>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20 n. 2, 1995. Disponível em < <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> > Acesso em 10 de maio de 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21 n. 1, 2013. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#:~:text=A%20masculinidade%20hegem%C3%B4nica%20foi%20entendida,homens%20sobre%20as%20mulheres%20continuasse.> > Acesso em 10 de maio de 2023.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFR. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 18. 2021. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/351102456> > Acesso em 10 de jun. de 2023.

HOOKS, B. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IRINEU, Bruna Andrade. 2016. **A política pública LGBT no Brasil (2003-2014): homofobia cordial e homonacionalismo nas tramas da participação social**. Tese de Doutorado em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, v.25 n. 2, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/M9qfpLxghJxZPF7qxKDG59n/abstract/?lang=pt>> Acesso em 11 de jun. 2023.

LIMA NETO, A. A. de; SILVA, R. de C. A. da; MAIA, R. N. Pedagogias da masculinidade: reflexões acerca de processos de subjetivação de homens professores da EJA. **Revista Educação e Formação**, v.6 n. 2, 2021. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4378>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v.16 n.3, 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 10 de jul. de 2023.

NUNES, L. B. Cenas etnográficas para entender representações de masculinidades na escola. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 41 n. 2, 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/19555>> Acesso em 03 de junho de 2023.

NUNES, P. G.; AFONSO, L. R. H. Docência e gênero: o professor homem na educação infantil. **Revista Inter ação**, Goiânia, v.43 n.3, 2019. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48957>> Acesso em 12 de jun. de 2023.

OLIVEIRA, Raescla Ribeiro de. **"Sai o kit gay entra a leitura em família": O livro didático no governo Bolsonaro (2019-2022)**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Manaus, 2023.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

PÉREZ, Carmem L. Vidal. A lógica e os sentidos da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. **Revista do Departamento de Psicologia**, Niterói: UFF, v. 19, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/7j6CSbkzmkhsfhrvH7bPQnK/>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

PÉRICO, L.; SILVA, R. D. da. Masculinidades na escola: Uma revisão bibliográfica nas bases Educ@a e Scielo entre 2008 e 2018. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 14 n. 1, 2020. Disponível em <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23210>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

PRADO, P. D.; ANSELMO, V. S. Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na Educação infantil. **Revista Proposições**, v. 30, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pp/a/MDkc9n6ndCcG5xL8rPgPbZG/?lang=pt>> Acesso em 10 de jun. 2023.

ROSA, R. M. Docência e Subjetivação- cartografia das forças que criam um corpo-masculino-menor. **Revista Psicologia e Sociedade**, Capivari de Baixo, v. 24 n. 2, 2012. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/LSQQHVvXbGtXLPFByX8M7tL/?lang=pt>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

ROSA, R. M. Corpo, docência e masculinidades: das heterotopias à estética da existência. **Revista Urdimento**, n.19, 2012. Disponível em <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/download/3190/2323/7946>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

SANTOS, S. V. S. dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qtKR9PYWdVKHcLybqCVpc7D/>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

SANTOS, W. B.; DINIS, N. F. Risco de Violência e Suicídio na construção de masculinidades adolescentes. **Revista Cadernos Pagu**, v.52, 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/VsxkTpTQNZwcSqrGVNSNk7x/abstract/?lang=pt>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

SANTOS, W. B.; SANT'ANNA, T. F.; JÚNIOR, H. Masculinidade e Educação no campo: profissionalização e subjetividades docentes. **Revista Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/rir/article/view/46451>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

SILVA, M. M.; CESAR, M. R. de A. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. **Revista Motrivivência**, Paraná, v.24 n. 39, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p101>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

SIQUEIRA SILVA, L. A.; QUEIROZ SILVA, E. P. De. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Revista Diversidade e Educação**, v.7 n.2, 2020. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

TEIVE, G. M. G.; ROSA, R. M. Notas sobre Estética Pedagógica e Corpo Masculino Docente. **Revista Roteiro**, Joaçaba, v. 37, n. 1, 2012. Disponível em <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/1132>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

TOLEDO, C. T.; CARVALHO, M. P. de. Masculinidades e Desempenho escolar: a construção de hierarquia entre pares. **Revista Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 169, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/198053145496>> Acesso em 03 de jun. de 2023.

XAVIER, A. J. B.; SEFFNER, F.; BARBOSA, M. C. S. Mulher tem mais facilidade para a coisa artística, organização e trabalhos didáticos: Produção de masculinidades e estratégias pedagógicas nos anos iniciais na roça. **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6 n.4, 2021. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37436>> Acesso em 10 de jun. de 2023.

ZANETTE, J. E.; DAL'IGNA, M. C. “Ser homem” e “ser pedagogo”: relações de gênero nos caminhos da profissionalização. **Revista Textura**, Canoas, v. 20 n. 43, 2018. Disponível em <<http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/viewFile/4022/2936>> Acesso em 03 de jun. 2023.

Hegemonic masculinity and the possibilities of deconstruction in the educational context: a literature review

Abstract: This article presents an integrative review that analyzes the impact of hegemonic masculinity on the teacher/student relationship in the school environment. The specific objectives are to evaluate the possibilities of deconstructing hegemonic masculinities in the school dynamics and to analyze pedagogical strategies and approaches for the deconstruction of hegemonic masculinity in the educational context. The review was conducted through a critical analysis of 20 selected articles from the SciELO, LILACS, and CAPES journal platform databases, obtained from three searches conducted in the years 2021, 2022, and 2023. The results highlight that diverse forms of masculine expression are subject to processes of exclusion and stigmatization in the school environment when confronted with the dominant and hegemonic model. The school discipline reproduces binary gender logics, constituting a gendered space where nonconformity to gender and sexuality norms entails risks of suffering and leaves profound marks on individuals. The study emphasizes that boys face a painful process of acceptance when they do not meet the expectations of hegemonic masculinity. In light of this, the importance of developing pedagogical strategies that promote the deconstruction of hegemonic masculinity is underscored, aiming to establish more equal and healthy relationships between teachers and students. These strategies can contribute to creating an educational environment that embraces the diversity of gender expressions and promotes autonomy and freedom for individuals.

Keywords: hegemonic masculinity; gender; school; teacher/student relationship

Masculinidad hegemónica y las posibilidades de deconstrucción en el contexto escolar: una revisión de literatura.

Resumen: Este artículo presenta una revisión integrativa que analiza el impacto de la masculinidad hegemónica en la relación profesor/alumno en el entorno escolar. Los objetivos específicos son evaluar las posibilidades de deconstrucción de las masculinidades hegemónicas en la dinámica escolar y analizar estrategias y enfoques pedagógicos para la deconstrucción de la masculinidad hegemónica en el contexto educativo. La revisión se llevó a cabo mediante el análisis crítico de 20 artículos seleccionados de las bases de datos SciELO, LILACS y la plataforma de revistas de CAPES, obtenidos de tres búsquedas realizadas en los años 2021, 2022 y 2023. Los resultados destacan que las diversas formas de expresión de las masculinidades están sujetas a procesos de exclusión y estigmatización en el entorno escolar cuando se enfrentan al modelo dominante y hegemónico. La disciplina escolar reproduce lógicas binarias de género, configurándose como un espacio generizado donde la no conformidad con las normas de género y sexualidad conlleva riesgos de sufrimiento y

deja marcas profundas en los individuos. El estudio enfatiza que los niños enfrentan un proceso doloroso de aceptación cuando no cumplen con las expectativas de la masculinidad hegemónica. Ante esto, se subraya la importancia de desarrollar estrategias pedagógicas que promuevan la desconstrucción de la masculinidad hegemónica, buscando establecer relaciones más igualitarias y saludables entre profesores y alumnos. Estas estrategias pueden contribuir a crear un entorno educativo que valore la diversidad de expresiones de género y promueva la autonomía y la libertad de los individuos.

Palabras clave: masculinidad hegemónica; género; escuela; relación profesor/alumno.

Recibido: 17/07/2023

Aceito: 21/05/2024